

HOMENAGEM: MARY DOUGLAS (1921 – 2007)

Janaina de OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Natalia CASAGRANDE<sup>2</sup>  
Maria A Chaves JARDIM<sup>3</sup>



*“Em Mary Douglas, foi impossível desconhecer o sentimento de marginalização disciplinar que inaugurou sua carreira. Ela envolveu questões de personalidade e do contexto institucional. Num sentido lato, era quase fatal que uma inglesa de classe média, católica romana praticante, da geração de Douglas e movida por grandes ambições sentisse um certo grau de marginalização numa disciplina que – afora o fato de ser de classe média, por definição – não era nenhuma dessas coisas.”*  
(FARDON, 2004, p.11)

Margaret Mary Tew Douglas - Mary Douglas - estudou Ciências Políticas, Economia e Filosofia na Universidade de Oxford, orientada pelo antropólogo Evans-Pritchard, o qual teve grande influência no seu desenvolvimento intelectual. Douglas trabalhou no escritório do serviço colonial, de 1942 até 1947, devido a Segunda Guerra Mundial e por influência do pai que era militar. Posteriormente, retoma seus estudos em Oxford, terminando-os em 1949. No início da década de 1950 inicia sua carreira na *University College* de Londres, onde permaneceu por 25 anos, como professora de Antropologia Social.

Em 1963 publicou sua tese de doutorado intitulada, *The Lele of kasai*, fruto do trabalho de campo que realizou no Lele – uma tribo africana que pertencia ao Congo Belga. Mary Douglas também foi professora por 11 anos nos Estados Unidos, em diversas Universidades, como o Instituto *Russel Sage*, em Nova York, entre 1977-81; Universidade

---

<sup>1</sup> Bolsista Capes. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara - SP - Brasil. 14.800-901 - janalive@gmail.com

<sup>2</sup> Bolsista CNPq. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara - SP - Brasil. 14.800-901 - nmcasagrande@gmail.com

<sup>3</sup> UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Departamento de Sociologia. Araraquara - SP - Brasil. 14.800-901 – majardim@yahoo.com

*Northwesth* da disciplina de humanidades, que a levou para a produção dos vínculos entre teologia e antropologia - período em que escreve o livro **O Mundo dos Bens**: para uma antropologia do consumo, de 1979, em coautoria do economista Baron Isherwood, tornando-se pioneira na área de antropologia econômica. Por fim, lecionou por três anos na *Princeton University*.

A autora faleceu em maio de 2007, aos 86 anos, vítima de complicações associadas ao câncer. Notável, relacionou os estudos referentes à antropologia às demais variáveis ao seu redor, na tentativa de entender o complexo universo social, disposta a “[...] correr riscos imensos intelectuais, passar por cima de fronteiras disciplinares, manter-se teimosamente otimista e em geral, entregar-se à tarefa de explicar o mundo em que vivemos a qualquer um que se interesse em ouvir, com um compromisso e energia que a idade só fez reforçar.” (FARDON, 2004).

Mary Douglas se dedicou a uma antropologia voltada para a comparação entre diversas sociedades, tendo como pressuposto básico o intuito de desenvolver uma teoria geral do significado. Cronologicamente, temos o seguinte panorama bibliográfico:

- *Purity and Danger* (1966) é a primeira obra que se tornou conhecida;
- *Natural Symbols: Explorations in Cosmology* (1970) - examina as condições sociológicas do comportamento ritual;
- A coletânea de ensaios *Implicit Meanings: Essays in Anthropology* (1975), a qual realiza uma entusiasmada cooperação entre disciplinas;
- *The World of Goods: Towards an Anthropology of Consumption* (1980) é escrita em coautoria do economista Baron Isherwood, em que explora o significado simbólico do consumo e esboça uma teoria transcultural da pobreza;
- *Risk and Culture: An Essay on the Selection of Technical and Environmental Dangers* (1983) - em coautoria de Aaron Wildavsky publicam uma análise da construção social do perigo nas sociedades modernas. Retrata a diferença entre perigo no contexto do tabu e risco, tendo como tema central o perigo contemporâneo, no qual o tabu reside na retórica da retribuição e acusação contra um indivíduo específico e o risco é invocado para protegê-los contra os outros;
- *How Institutions Think* (1986) - realiza um ataque feroz contra a teoria da escolha racional;
- *Risk and Blame: Essays in Cultural Theory* (1992) edita esta coletânea, a qual retoma seu grande interesse pelos textos bíblicos, já descritos na obra *Purity and Danger*. Neste texto, o risco substituiu as antigas ideias sobre a desgraça, como o pecado. O tema

central do perigo contemporâneo é a diferença entre perigo no contexto do tabu. Assim, é o tabu que reside na retórica da retribuição e acusação contra um indivíduo específico, sendo o risco invocado para proteger os indivíduos contra os outros;

- *In the Wilderness: The Doctrine of Defilement in the Book of Numbers* (1993).
- *Leviticus as Literature* (1999).

Douglas concentrou seus estudos na área de antropologia social, fundamentando-se nas obras de Émile Durkheim, e seguindo uma proposta da análise estruturalista com foco para a religião comparada. Assim, os temas mais recorrentes nas obras de Mary Douglas são: análise de risco, economia, economia do consumo e bem-estar, comida e ritual. Muitos dos trabalhos foram tornados populares fora dos círculos antropológicos.

Por exemplo, é uma referência para a área da sociologia e da antropologia econômica. Durante sua carreira, dedicou enorme energia para questionar os pressupostos da ciência econômica racional, revelando que decisões de vida ou de morte, são feitas pelas instituições que carregamos dentro da cabeça, cujas instituições são resultado do encontro (divergente e convergente, como diria Bourdieu) entre experiências individuais e experiências coletivas (a estrutura). Numa das defesas mais brilhantes encontradas sobre a teoria de Durkheim, Douglas demonstrou, ao longo desse livro muito utilizado pelos sociólogos da economia, *Como as Instituições Pensam*, que os indivíduos tendem a achar soluções para seus problemas, consultando seus arquivos institucionais mentais e optando pela escolha das respostas que estão em sintonia com as suas experiências individuais. Na linha seguida por Pierre Bourdieu, Mary Douglas faz uma leitura contemporânea da obra de Durkheim, esclarecendo confusões (muitas vezes de caráter ideológicas) que perpassam a obra do Pai Fundador Francês. No livro *Como as instituições pensam*, Douglas tem uma batalha discursiva com a teoria da escolha racional e demonstra que nossas escolhas passam pelo filtro cognitivo, moral, social. Logo, o *homo economicus* e racional, propalado pela economia e pelas ciências econômicas, não existe. Como diria a sociologia econômica contemporânea, trata-se de uma “construção social”.

Na obra **Pureza e Perigo** (1966) a autora realiza uma ampla explicação para crenças em poluição ritual. Ou seja, analisa os rituais em vários povos e culturas, considerando os conceitos de pureza e sujeira como parte de um “todo maior”, de uma unicidade funcional a que se interagem de maneira harmoniosa e consistente. A ideia da pureza e do perigo é utilizada como analogia para expressar uma visão geral de ordem social. Na obra em questão a autora aborda as antinomias pureza/impureza, limpeza/sujeira, contágio/purificação, ordem/desordem que são as constantes de uma temática que abrange desde alimentação e

higiene até religião e tabus sexuais. Inclui também as abominações do Velho Testamento e religião de povos da polinésia e da África Central, conceito de pureza entre povos hindus e costumes de índios norte-americanos, além de observações do cotidiano e interpretações de preceitos cristãos.

Seguindo a discussão da obra citada acima, o risco age na sociedade e cria ameaças à ordem social, mas também à ordem do corpo – se a sociedade está em perigo, do mesmo modo, também ameaça o corpo. Com base nesse princípio, Mary Douglas discute os modos simbólicos e rituais nos quais se classifica o mundo. O corpo humano é constituído por fronteiras tanto para fora quanto para dentro. Isto é, as aberturas do corpo; também a sociedade tem uma forma, com fronteiras externas, margens e estrutura interna. "Sujo" e "poluído" são coisas de fora, que transcendem as fronteiras e as classificações aceites socialmente no corpo e no mundo.

A teoria sobre pureza, poluição e perigo apoia o peso que o risco assume na sociedade ocidental moderna, particularmente o uso do risco como conceito de culpa e marginalização do "outro". Assim, manter a estabilidade significa controlar a desordem, a contaminação e a poluição. O controle corporal é, em Douglas, o equivalente ao controle social. As noções contemporâneas de impureza e limpeza não são o efeito do interesse sobre os microrganismos, mas de interesses simbólicos. Para Douglas (1966, p.14): "Tal como a conhecemos, a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador. [...] As ideias que temos da doença também não dão conta da variedade das nossas reacções de purificação ou de evitamento da impureza. A impureza é uma ofensa contra a ordem."

Em *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*, Douglas & Isherwood (2005) inserem a discussão que realiza uma ponte entre antropologia e ciência econômica, estabelecendo uma definição de rede social de pobreza. O ponto de vista do trabalho antropológico é de que as coisas cuja posse significa riqueza não são necessárias por elas mesmas, mas pelas relações sociais que elas sustentam. A pobreza é culturalmente definida por um padrão de exclusões, geralmente bastante sistemáticas, e não por um inventário de objetos.

A cultura agora se expressa em consumo. Na sociedade capitalista, os bens de consumo carregam em si categorias sociais e valores culturais. Trata-se de uma "[...] cultura em que os altos padrões de consumo entram na competição pelo *status* social diferenciado." (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2005, p.87). Neste contexto, não mais nos referimos meramente à cultura como influência em um tipo específico de consumo (como as relações de troca

abordadas pelas sociedades primitivas de Mauss), mas sim como aquilo que podemos denominar **cultura do consumo**. Sobre isto, os autores em questão citam que: “[...] as decisões de consumo se tornam a fonte vital da cultura do momento.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2005, p.102).

O consumo está inscrito na cultura de cada sociedade. Para Douglas & Isherwood (2005), as opções de consumo espelham julgamentos relacionados à moral e ao valor culturalmente apresentados. Em decorrência dessa relação entre consumo e cultura de determinado grupo, é pertinente ressaltar a função dos bens que vai além destes enquanto necessários para subsistência – vem também para traçar as relações entre indivíduos e grupos. Desse modo, o ato de consumir não deve ser analisado isoladamente, mas sim associado aos processos sociais como um todo. Como ressaltam os autores: “Os bens são, portanto, a parte visível da cultura.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2005, p.114).

No que se refere à forma como essa cultura de consumo se firma na sociedade, Pierre Bourdieu (1994) também traz relevantes considerações a respeito do discurso e da forma como este se objetiva em âmbito social. Há, segundo o autor, uma estrutura carregada de símbolos por trás da sociedade que se pauta no consumo. Através de um sistema simbólico, o discurso daquele que pretende convencer se objetiva para que a cultura consumista possa se firmar.

Em síntese, vivemos uma época na qual o consumo é utilizado como signo distintivo na sociedade (BOURDIEU, 1994). Assim, é nessa dimensão **homem e cultura** dotada de considerável significância que concluímos a discussão como sendo a cultura: “[...] um padrão possível de significados herdados do passado imediato, um abrigo para as necessidades interpretativas do presente.” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2005, p.111).

Mary Douglas é uma dessas autoras que as fronteiras científicas (antropologia, sociologia, ciência política), são, literalmente, fronteiras didáticas (e de lutas de campos), pois Douglas soube circular de forma científica, e não menos prazerosa, pelos campos científicos, criando novas propostas e ajudando a repensar as convenções estabelecidas nas ciências sociais contemporâneas.

Finalmente, tendo em vista sua enorme importância para a sociologia econômica, decidimos homenageá-la nesse Dossiê que trata da matéria.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994. p.156-183.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. Lisboa: Ed. 70, 1966.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.

FARDON, R. **Mary Douglas**: uma biografia intelectual. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2004. Paginação irregular.

### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

DOUGLAS, M. O mundo dos bens, vinte anos depois. **Horiz. Antropol**, Porto Alegre, v.13, n.28, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a02v1328.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. Racionalismo e crença. **Mana**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, out. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v5n2/v5n2a06.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. **Risk and blame**: essays in cultural theory. Londres; Nova Iorque: Routledg, 1992.

GAUER, R. M. C. Da diferença perigosa ao perigo da igualdade: reflexões em torno do paradoxo moderno. **Rev. Civitas**, Porto Alegre v.5, n.2, p.399-413, jul.-dez. 2005.

Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/10/1603>>. Acesso em: 14 nov. 2011.